

OPOSIÇÃO NECESSÁRIA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

Isto É Senhor, 17/01/90

Uma democracia para se consolidar tanto precisa de um governo quanto de uma oposição. Não há nem democracia nem bom governo sem oposição. É um equívoco imaginar que depois de uma eleição todos se devam unir em torno do governo para que se possa ter um "bom governo". Se isto ocorrer o mais provável é que a democracia seja abalada e que não tenhamos um governo minimamente razoável.

Terminado o pleito presidencial surgiram vozes advogando um governo de união nacional. Ou, pelo menos, propondo que o PSDB não fosse para a oposição, já que o PT e o PDT irão de qualquer forma. O motivo para a união nacional seria a gravidade da crise econômica. Muito oportunamente, entretanto, o PSDB, na semana imediata às eleições, reuniu sua Executiva Nacional e aprovou uma nota deixando claro que ficaria na oposição. O partido foi derrotado nas eleições, não irá agora aderir por oportunismo revestido de interesse nacional. O PSDB decidiu que não fará oposição sistemática. Está pronto a apoiar as medidas fiscais que serão necessárias para enfrentar a hiperinflação. Mas não participará do governo e adotará uma atitude crítica, de oposição, em relação ao novo governo.

Ao adotar essa posição o PSDB está dizendo um "não" ao oportunismo político. E está lembrando que a oposição sistemática é tão irresponsável quanto a tese da união nacional.

A direita que apoiou Collor está entretanto preocupada. Preocupada com razão. A crise econômica é muito grave. E a crise política também, dada a enorme desconfiança dos próprios eleitores quanto às possibilidades de o novo presidente enfrentar com êxito essa crise. Por isso a direita insiste na participação do PSDB no governo. Pensa que dessa forma estará assegurando melhores condições de governabilidade para o país. Não percebe que a adesão do PSDB teria o efeito exatamente inverso. Desmoralizaria um dos poucos partidos políticos que saíram fortalecidos das eleições. E assim reduziria ao invés de aumentar as possibilidades de governabilidade do país.

Collor foi um candidato da direita, que teve o apoio da direita e dos setores pobres e despolitizados da população. Cabe, portanto, a ele e à elite conservadora que o apoiou a responsabilidade de governar.

A responsabilidade do PSDB é a de assumir uma posição crítica em relação ao governo. É auxiliar a governar através da crítica e não da participação. Sua oposição não será sistemática. Estará pronto a apoiar as medidas urgentes para por ordem na economia do país. Mas não participará do governo pelo mesmo motivo pelo qual não apoiou o candidato vitorioso no segundo turno: porque um partido social-democrata, de centro-esquerda, não pode se aliar a um governo de direita, trair seus eleitores e perder sua identidade.

É verdade que Collor não se elegeu a partir de um claro programa de direita. É verdade também que sua vitória não se deveu ao fracasso de um governo de esquerda, já que o atual governo - que de fato fracassou -, desde 1987 é claramente um governo de direita. Mas estes fatos não tornam seu governo menos conservador e menos comprometido com o setores mais conservadores e fisiológicos do país. Um governo do qual o PSDB não pode fazer parte.

Estes fatos significam apenas que a eleição de Collor não representou um processo de alternância de poder, como é saudável nas democracias, mas uma continuidade de poder a partir de uma mensagem enganadora, que afinal foi bem sucedida em transmitir a idéia de renovação. Por essa razão a crise brasileira não é apenas econômica, é também política.

Segundo Gilberto Dimenstein (Folha S. Paulo, 1.1.90), Collor pretende deixar "a esquerda perplexa e a direita indignada". Tomara isto seja verdade. Se ele mantiver a audácia da luta eleitoral no governo poderá surpreender muita gente. E poderá demonstrar que os problemas fundamentais do Brasil não se resolvem a partir de ortodoxias ideológicas de direita ou de esquerda. O PSDB, entretanto, não pode se basear em vagas indicações desse tipo. Apoiar o novo governo nesse momento significaria apenas descaracterizar e a desmoralizar o PSDB. Seria um suicídio político que apenas agravaria a crise brasileira.